

Educação Integral, jovens-adolescentes pobres e escola: a experiência e o seu alcance

Bárbara Ramalho – FaE – UFMG

Neste trabalho serão analisados dados parciais de uma pesquisa de mestrado, atualmente em fase de conclusão, que investiga as influências da participação no Programa Escola Integrada (PEI) sobre as vivências escolares ou não-escolares de jovens adolescentes pobres dele egressos.

Serão apresentadas as percepções de jovens-adolescentes¹ (entre 15 e 18 anos) de camada popular a respeito de sua participação no PEI, buscando evidenciar a sua constituição enquanto experiência na perspectiva de Bondía (2002). A partir disso, considerando-se que o Programa se desenvolve no âmbito da escola, será problematizado o seu potencial transformador no que tange à atribuição de sentido à escola para esses sujeitos.

A investigação da qual deriva o presente trabalho apoiou-se, sobretudo, na metodologia da História Oral (Meihy e Holada, 2007) e nela, especificamente, a História Temática, cujo objeto de estudo é abordar apenas uma parte da vida do entrevistado – aquela que se relaciona com a temática estudada –, não a sua totalidade.

Sob essa perspectiva, foram entrevistados dez egressos do PEI de uma escola localizada na periferia da cidade de Belo Horizonte, na região nordeste, fortemente caracterizada por desigualdades sociais².

Esses estudantes se inseriram no Programa por, no mínimo, dois anos, e concederam, em média, duas entrevistas cada. Três educadores também foram entrevistados.

Programa Escola Integrada

O Programa Escola Integrada é uma política pública de caráter optativo, tanto para as instituições, quanto para os estudantes, que objetiva a formação integral dos/as alunos/as de 6 a 15 anos do Ensino Fundamental.

No turno contrário em que os estudantes estão matriculados, são desenvolvidas atividades majoritariamente de natureza cultural e esportiva, em formato

¹ Sobre identidade juvenil e faixa etária, ver: Carrano & Dayrell (2002); Dayrell (2003); e Groppo (2006).

² Ver Atlas do Desenvolvimento Humano (2000).

de oficina –. Há, entretanto, algumas de caráter cognitivo, como no caso do Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP) e da oficina de Para Casa.

Atualmente, o PEI encontra-se implementado em todas as escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, mas quando do seu início, em 2006, atendia prioritariamente às instituições localizadas em localidades com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), característica da escola pesquisada neste trabalho.

Juventude pobre e escola

São muitos os elementos que justificam a relação tensionada entre juventude e escola. Para este trabalho, destacam-se dois.

O primeiro é a tardia democratização da escola pública no Brasil, que resulta no fato de que os atuais jovens-adolescentes frequentadores da escola, de maneira geral, constituem-se na primeira geração familiar a desfrutar desse direito. Assim, eles derivam, costumeiramente, de famílias cuja cultura escolar é demasiadamente distante da sua, imputando à sua trajetória escolar grandes desafios.

O outro diz respeito à imutabilidade da instituição escolar em função da chegada dos sujeitos de camadas populares. Sob a égide do republicanismo e seu preceito de ofertar oportunidades iguais a todos os sujeitos indiscriminadamente, e sem considerar as suas especificidades, a escola permanece fechando-se para ‘novos’ sujeitos (e neles, os jovens adolescentes pobres) que nela ingressam.

Esse quadro, entre outros fatores, acaba por resultar na baixa expectativa de estudantes com o perfil aqui tratado quanto à instituição escolar e, objetivamente, em comportamentos desviantes daqueles esperados pela escola (CARRANO & DAYRELL, 2002; DAYRELL, 2003; LEÃO, 2006; GOMES, 1997; SPÓSITO, 1992).

Uma concepção de experiência

Para Bondía (2002), “a experiência é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca. A cada dia se passa, porém, ao mesmo tempo quase nada **nos** acontece” (p.21). Essa concepção da experiência evidencia seu caráter subjetivo. Assim, em sua perspectiva, o sujeito é central. Mais do que isso, para que a experiência se efetive enquanto tal, é preciso, segundo Bondía (2002), que aquele que nela se insere assuma uma posição ativa, no sentido de se abrir, isto é, se expor à ela. Em decorrência dessa dimensão subjetiva, em consonância com Heidegger (1997), o autor propõe que a experiência carrega consigo um potencial transformador.

(...) Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em 'fazer' uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, 'fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER *apud* BONDÍA, 2002, p.25).

A participação no PEI enquanto experiência

Alguns elementos (concomitantes ou não) presentes nas falas dos estudantes serão analisados a fim de caracterizar suas vivência – que, acredita-se, tornaram-se experiências na perspectiva de Bondía (2002) – no âmbito do PEI. Trata-se da relação estabelecida com o Programa e a continuidade da participação, mesmo após terem concluído o Ensino Fundamental na escola em que esse se desenvolvia.

A seguir serão apresentadas as percepções dos dez estudantes entrevistados no âmbito da pesquisa. É importante destacar que este grupo é majoritariamente masculino (8 meninos e 2 meninas) e apresenta idade média de 16,3 anos. O PEI foi a primeira atividade de extensão da jornada escolar e/ou das dimensões educativas em que A³. participou.

Durante o período de inserção, 2 anos, a estudante A. participou das oficinas de artesanato, música, dança, informática e Para Casa no âmbito do PEI. Entre essas, era a primeira que despertava seu maior interesse.

O gosto / afinidade da estudante em relação ao Programa fica explícito por meio da relação por ela estabelecida com o tempo:

A.: Tem hora que eu nem via o tempo passar que não sei o que, então já ia, quando eu ficava na integrada o tempo passava tão rápido eu ficava tão revoltada, passava muito rápido. Aí assim, e era muito legal, por causa que se passava rápido era porque tava bom. (A. – 16 anos – Estudante egressa do PEI)

Bem como nas 'marcas' impressas pela participação no Programa:

Pesquisadora: Pra que que serve?

A: Ai...ah eu não sei. Tipo assim // ah, eu acho muito bom, sabe? Porque até hoje eu nunca esqueci. Igual, não tenho nenhuma reclamação pra fazer da integrada. Eu achava muito bom. E assim, aí eu levo aquilo ali comigo mesmo porque eu achava muito bom e eu vejo que nenhuma escola vai substituir isso

³ A fim de preservar a identidade dos entrevistados, foram utilizadas as letras iniciais de seus primeiros nomes para identificação. No caso de homônimos a letra inicial do primeiro sobrenome também foi referida.

porque lá é muito ruim, ali no [nome da escola atual]. E assim, igual no [nome da escola atual] tem o ensino e tal, essas coisas. Assim você não tem intimidade com os professores, os professores chega pra você e tal. Conversava, mas não é como no [nome da escola da pesquisa], é totalmente diferente. (A. – 16 anos – Estudante egressa do PEI)

Também no caso de B., o PEI foi a primeira vivência de ampliação da jornada escolar e das dimensões educativas do estudante.

As oficinas freqüentadas por B. foram: Capoeira, karatê, intervenção artística, música e Para Casa. Além disso, durante a sua inserção, visitou os seguintes espaços extra-escolares: clube recreativo, parque, cinema, museus, além da Serra do Cipó e da cidade de Congonhas. Era a oficina de karatê a que despertava o maior interesse do estudante.

O seu envolvimento, mais do que isso, utilizando as palavras de Bondía (2002), a sua exposição a viver essa experiência pode ser percebida no fato de ele se sentir motivado a freqüentar as aulas do turno regular em função do PEI:

Pesquisadora: Entendi. E aí você vinha todos os dias?

B.: Todo dia. Todo dia que eu ficava aqui. Eu ficava aqui já.

Pesquisadora: Já ficava direto?

B.: É, já ficava direto. Eu vinha na aula só por causa da integrada. (B.- 18 anos – Estudante egresso do PEI)

Outro fator que corrobora para essa percepção é o de que, mesmo após ter concluído o Ensino Fundamental, B. permaneceu freqüentando as atividades do Programa.

B.: É, eu continuei durante uns meses, aí depois eu parei. Durante uns seis meses.

Pesquisadora: Depois que você tinha formado você continuou?

B.: É. (B.- 18 anos – Estudante egresso do PEI)

Os irmãos gêmeos F. e R., durante os dois anos e meio de permanência no PEI, sendo os seis últimos meses já como egressos da escola, participaram das seguintes oficinas: karatê, capoeira, esportes, música, dança, artesanato, informática, PIP e Inglês.

Em princípio, F. e R. afirmaram não ter preferência por uma atividade específica, mas, ao longo da entrevista apontaram o futebol, o vôlei e a informática como as ações de maior interesse.

Os irmãos discordam entre si quanto a terem sentido falta da inserção no PEI após a sua saída (seis meses após terem concluído o Ensino Fundamental):

F.: Eu senti falta//

R.: *Eu não senti, não. Por causa que a gente começou a trabalhar no horário da tarde.* (F. e R.- 17 anos – Estudantes egressos do PEI).

Contudo, a própria permanência (voluntária) dos irmãos na atividade é um indicativo da identificação estabelecida com o Programa.

G. foi um dos poucos entrevistados que já havia tido uma inserção anterior em projetos de ampliação da jornada escolar e/ou das dimensões educativas. O estudante participou do PEI na escola em que estudava anteriormente.

Durante os dois anos de participação no PEI na escola investigada, G. se inseriu nas oficinas de karatê, futebol, dança (*Hip Hop*), intervenção artística, informática e PIP. Além disso, visitou museus, cinema, zoológico, parque e Gruta de Maquiné.

Segundo o estudante, era o Karatê a atividade que mais despertava o seu interesse. Ele, inclusive, permaneceu participando das aulas após a conclusão do Ensino Fundamental na escola investigada.

Além desse, outro indício do significado atribuído pelo estudante ao PEI é a manifestação de desejo de G. de não sair da escola para não deixar o Programa.

G.: *Até hoje eu sinto, sinto vontade de voltar pra lá, mais... se não fosse, se lá não tivesse ensino médio eu tava lá até hoje.* (G. – 16 anos – Estudante egresso do PEI)

No caso de J., o PEI foi a primeira vivência em atividades de ampliação da jornada escolar e das dimensões educativas.

À época da pesquisa, mesmo tendo concluído o Ensino Fundamental, J. continuava freqüentando as atividades do PEI, perfazendo três anos e meio de inserção no Programa. Durante esse período, as oficinas por ele freqüentadas foram: dança, capoeira, karatê, judô, jiu-jítsu, artesanato e informática.

O envolvimento com a dança e com a capoeira, elementos com que o estudante tinha contato anteriormente à inserção no PEI por meio de familiares foi, em suas palavras, o que mais o marcou durante a vivência no Programa.

Também no seu caso, houve a continuidade no Programa. Destaca-se em sua fala o sentimento de saudosismo em relação ao início do PEI na escola.

J.: *Assim, uma coisa que eu queria, assim, que não só você soubesse, mas todos que assim, que eu sinto muito falta e que a escola integrada pra mim é como uma, uma...família pra mim. Que eu sinto falta de tá ali junto. Assim, à noite quando eu deito, eu lembro daquele tempo que eu ficava, do [nome do professor de dança] quando a gente ia assim pra parques, eventos para gente dançar e tudo. E assim a nossa escola ficou praticamente conhecida só pela escola integrada mesmo. Que a gente chegava, nó, a escola é muito boa e é*

isso a gente sempre mantinha uma boa imagem da escola. (J. – 15 anos – Estudante egresso do PEI)

Assim como G., L. havia participado do PEI anteriormente ao ingresso na escola investigada.

Durante os dois anos e meio de participação no PEI na escola investigada, o estudante participou das seguintes atividades: informática, artesanato, capoeira, karatê, dança, intervenção artística, música, futebol, vôlei e Para Casa. Sendo as atividades de luta (capoeira e karatê) aquelas que despertaram maior interesse do aluno.

Entre o grupo pesquisado, aparentemente, L. foi o sujeito que menos ‘sentiu’ a saída do Programa, uma vez que, durante as entrevistas realizadas, não fez menção à saída do PEI como ‘ruptura’.

Ocorre que, a decisão do estudante de permanecer nas atividades após concluir o Ensino Fundamental, bem como a sua percepção quanto à saída – a sensação de transbordamento das vivências e o desejo de cursar a escolinha de futebol – corroboram para compreender esse evento de sua vida como uma experiência.

Pesquisadora: E por que que você preferiu fazer escolinha de futebol do que continuar na integrada?

L.: Porque assim, eu já tinha aprendido tudo esses negócio, já tinha feito apresentação e tal. (L. – 16 anos – Estudante egresso do PEI)

Pesquisadora: Entendi. E aí depois você foi desanimando com a integrada? Ou é por que assim//

L.: Não! Aí eu continuei vindo. Aí depois quando a escolinha aqui acabou aí eu continuei vindo, aí depois, aí depois eu comecei a fazer escolinha lá no centro. Aí era de segunda a sexta, aí eu tive que parar de vim. (L. – 16 anos – Estudante egresso do PEI)

M. havia participado de atividades no contraturno escolar desenvolvidas em uma organização não-governamental que, à época da pesquisa, era parceira do PEI na concessão do espaço físico (quadras, ginásio e salas).

No âmbito do PEI, ele participou das oficinas de capoeira, dança, desenho, karatê, artesanato e Para Casa e, semelhantemente ao seu primo J., tinha maior interesse na dança e na capoeira.

M. permaneceu freqüentando, sobretudo as oficinas de capoeira, após a saída do PEI, mas ainda assim, quando da conclusão do Ensino Fundamental, lamentou o curto tempo que ficou sem participar do Programa:

Pesquisadora: E quando você chegou...quando você saiu... Você não sabia

que ia voltar, e aí? ...

Matheus: *Tipo: 'Nó véi, pelo menos lá eu fazia um bocado de coisa agora eu vou dormir a tarde inteira?'. Deu uma falta só que foi preenchida pela integrada mesmo.* (M. – 17 anos – Estudante egresso do PEI)

No grupo estudado, foi M.R. a estudante com menor tempo de participação no Programa, quase dois anos. Durante esse período, ela participou das oficinas de Informática, karatê, artesanato, música, atletismo e dança. Além disso, visitou espaços como museu e parques.

O atletismo e o karatê foram as atividades que despertavam seu maior interesse, tendo ela alcançado o primeiro lugar em um campeonato nacional de karatê e a segunda colocação em uma competição estadual de atletismo, por meio do PEI.

M.R.: *Então as meninas, elas gostavam de brincar muito lá na quadra lá. Queimada, futebol, elas sempre estavam inovando também. Ai eu ia lá brincava também, mas o meu negócio era luta.*

Pesquisadora: *Luta?*

M.R.: *Luta e atletismo* (M.R.- 17 anos – Estudante egressa do PEI).

A participação no Programa proporcionou à estudante a realização de ações inéditas em sua vida, além de ter conferido à ela uma visibilidade: na escola, os educadores a conheciam pelo seu bom desempenho nos esportes

Ao concluir o Ensino Fundamental, M.R. não continuou freqüentando o Programa na escola, mas fazia aulas de karatê na academia do professor (mestre) que ministrava aulas no PEI.

R.F. permaneceu no PEI por três anos, sendo cerca de seis meses posterior à conclusão do Ensino Fundamental, compreendendo o período da realização da pesquisa. Durante esse período ele participou das oficinas de dança, capoeira, karatê, jiu-jítsu, artesanato e Para Casa. Além de ter visitado espaços como clube, parque, cinema, Serra do Cipó e Gruta do Maquiné.

Em princípio, R.F. foi resistente à entrada no Programa, pois pensava que se tratava do desenvolvimento de atividades relacionadas apenas ao reforço escolar. Quando de sua entrada, o estudante declarou ter sido surpreendido pelo PEI, tendo 'tomado gosto' per ele.

O Programa constituiu-se numa espécie de refúgio para R.F. no sentido de afastá-lo dos conflitos familiares, sobretudo entre seus pais, que eram separados.

R.F. *Não, eu ficava, mas é porque tipo: minha mãe nunca me obrigou a vim não, sabe, mas eu vinha porque eu tinha acostumado já com os meninos daqui e tava na minha casa. Se eu ficasse lá em casa com a minha mãe direto, né, ela ia ficar passando raiva, porque ela tava tentando emprego, estudando, passando raiva e brigando com meu pai pelo telefone. Ai pegava, pra ela não*

vim me xingar e eu xingar ela, aí nós começar quando chegar lá em casa, aí eu vim pra cá. Acostumei, aí fui. (R.F. – 18 anos – Estudante egresso do PEI)

Ao relatar seu sentimento em relação ao seu primeiro dia como egresso do PEI, o lugar do Programa enquanto uma experiência relevante em sua vida fica novamente evidente.

R. F.: Quando eu vi que era mais zuação mesmo. Ah, era tipo ... a integrada era tudo! Aí e como eu fui fazendo muitos amigos tal aí, nó, ou falar com cê viu... Quando cê sai da integrada o primeiro dia que você vai pro primeiro ano, é muito difícil você não voltar (R.F.– 18 anos – Estudante egresso do PEI).

Consonâncias

Mesmo que individuais, conforme defendido por Bondía (2002), as experiências, sobretudo quando reunidas em uma temática e/ou contexto comuns, apresentam consonâncias. É inclusive sob esse argumento que se assenta a perspectiva da História Oral Temática (Meihy e Holada,2008). Assim, alguns pontos comuns das experiências aqui relatadas serão destacados.

Entre os dez entrevistados, apenas três participaram, anteriormente ao ingresso no PEI da escola investigada, de ações de ampliação das dimensões educativas e/ou da jornada escolar. Essa vivência tem, portanto, de maneira geral, um caráter inédito para os sujeitos da pesquisa.

Além dessa, outra semelhança pode ser verificada nos relatos apresentados: a presença do desejo e/ou o gosto desses jovens adolescentes quanto à participação nas atividades / oficinas do PEI.

Por fim, com exceção de dois (R. e L.), todos os estudantes relataram o desejo de permanecer participando do PEI, mesmo nos casos de e o terem feito como egressos do Ensino Fundamental. Essa vontade foi interrompida por questões objetivas como: inserção no mundo do trabalho; dificuldade de acesso à escola; envolvimento com outras atividades; entre outras.

Tensionamentos

É preciso considerar que, mesmo trabalhando numa perspectiva interssetorial, o Programa Escola Integrada tem na escola a sua referência. Mais do que isso, o Programa é desenvolvido por uma Rede Municipal de Ensino, atendendo, sobretudo, a estudantes de camada popular. Daí a importância de se refletir sobre o potencial dessa experiência em transformar a relação – conforme referido, tensionada – dos estudantes jovens de camada popular com a escola.

Por um lado, relatos como o de A. indicam uma certa distinção entre a escola investigada e a escola por ela freqüentada à época da pesquisa – sendo a primeira avaliada como mais próxima, diferentemente da outra - , o que indicaria uma transformação da sua relação com a escola em função da participação do PEI. Por outro lado, relatos como o de B., cuja freqüência à escola ou à aula fica submetida ao gosto pela participação das atividades do Programa, acabam por problematizar o potencial transformador dessa experiência quanto à atribuição de um novo sentido ao saber e/ou à escola.

Nesse sentido, o que fica bastante claro é o potencial transformador da vivência da experiência do PEI, numa perspectiva micro, isto é, no sujeito. Contudo, não foi observada uma transformação da escola de fato no âmbito desta pesquisa.

Considerações finais

Não se trata de negar os benefícios trazidos aos estudantes por essa participação no Programa. Como vem revelando a pesquisa de mestrado referida no início deste trabalho. É preciso considerar que, no âmbito do PEI, os estudantes são submetidos a vivências distintas das tradicionalmente escolares. Vivências essas que são, por eles, transformadas em experiências e avaliadas de maneira bastante positiva, conforme os dados aqui apresentados.

Ocorre que, esses sujeitos "transformados" estão na escola, instituição que, aparentemente, permanece intacta a essas transformações. Nesse sentido, não seria errôneo afirmar que a experiência de Programas de ampliação da jornada escolar e/ou das dimensões educativas, contrariamente ao que se espera, pode constituir-se em mais um elemento de tensionamento dessa relação, materializado-se no maniqueísmo: escola regular: ruim vs. Programa de Educação Integral: bom.

Referências

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2000.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; DAYRELL, Juarez Tarcisio. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. 25ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT 3 Movimentos Sociais e Educação. Caxambu (MG): 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/tp25.htm#gt3>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 24, Dec. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Abr. 2014.

GOMES, Jerusa Vieira. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 05-06, dez. 1997 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781997000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 abr. 2014.

Groppo, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última década**, Dez 2010, vol.18, no.33, p.11-26.

LEAO, Geraldo Magela Pereira. Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados Por jovens pobres. **Educ. Pesquisa**, jan./abr. 2006, vol.32, no.1, p.31-48

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. Jovens e educação: novas dimensões da exclusão. **Em aberto** ano. 11, n. 56, Brasília, out/dez 1992, p. 43-53.